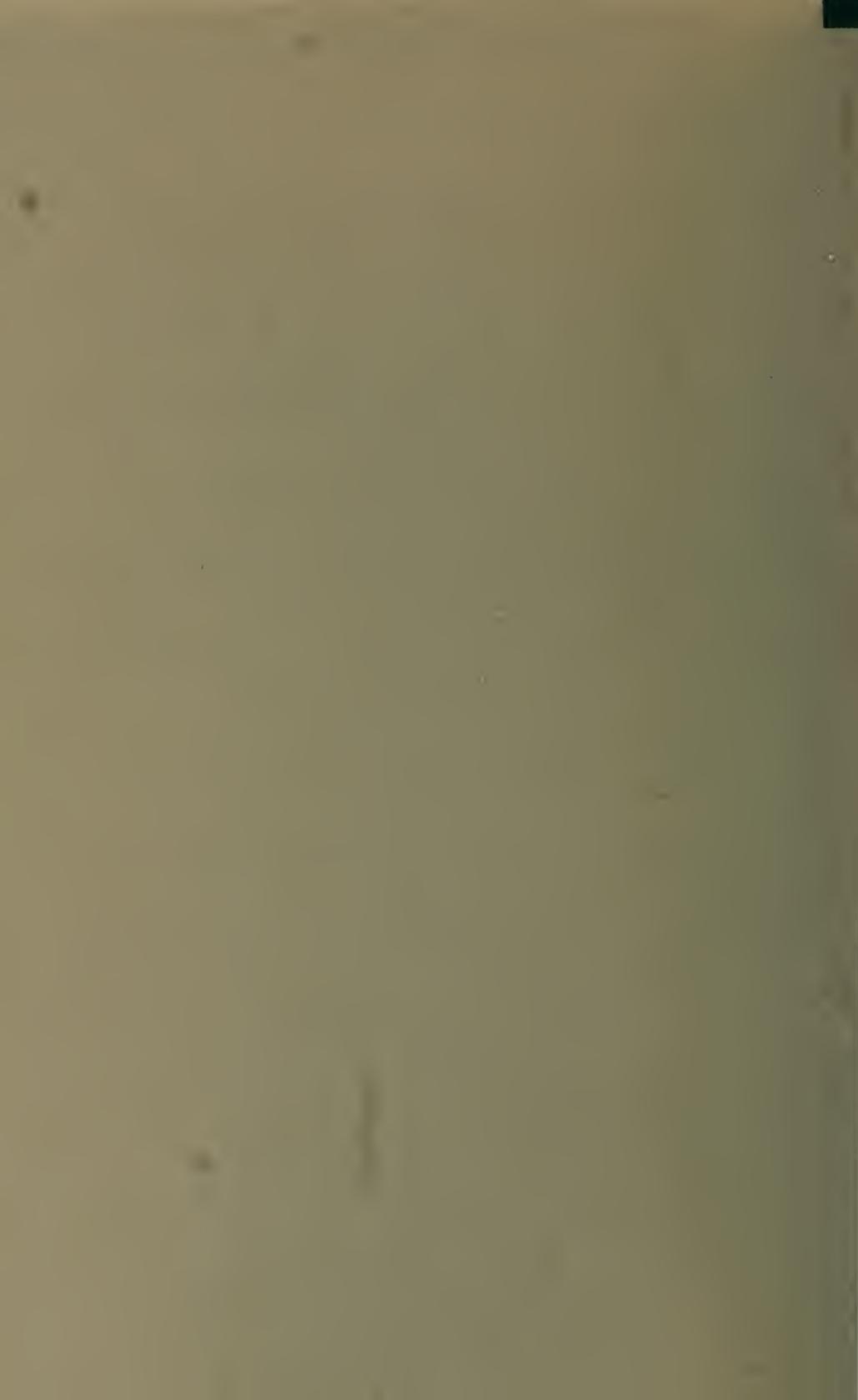




3 1761 07046830 1

Guerra Junqueiro, Abilio
Manuel
Finis patriae

0Q
9261
G8F5
1891



FINIS PATRIÆ



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

Julio de Mesquita

GUERRA JUNQUEIRO

FINIS PATRIAE

Dea

PORTO

EMPRESA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA — EDITORA

178, RUA DE D. PEDRO, 184

1891

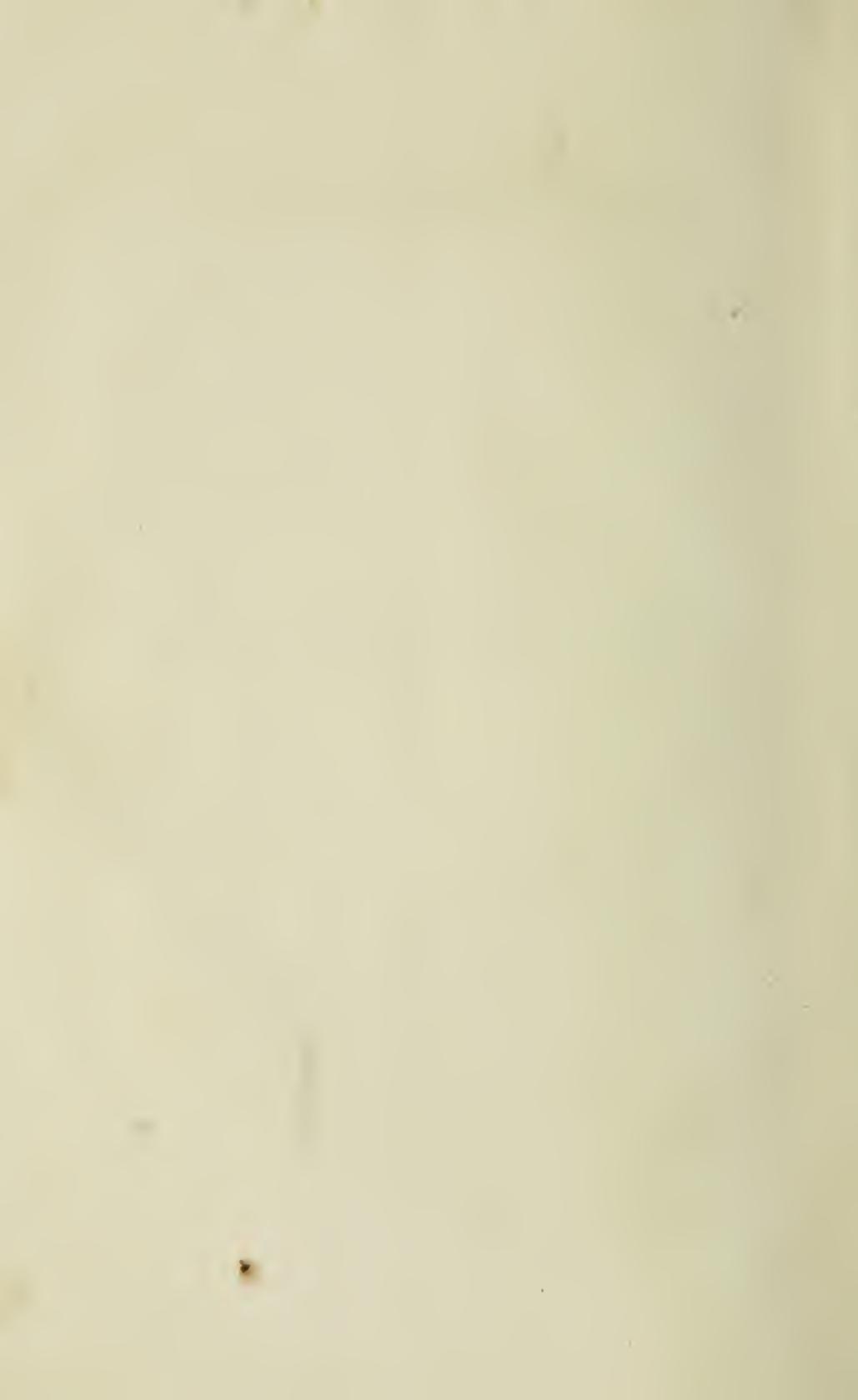
02,

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica
178, Rua de D. Pedro. 184 — Porto



PQ
9261
A878
1891

À MOCIDADE DAS ESCOLAS





INTRODUCCÃO

Por isto a descendencia de Nunalvares, um heroe e um santo, foi uma successão de intrigantes mesquinhos, de máos doidos, ou de egoistas vulgares. A grande herança do heroe esmagou os seus descendentes.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Contámos a guerra; é mister contar agora as commoções internas e a politica internacional da Restauração, que sacrificou Portugal aos interesses dynasticos.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Já estava assignado o tratado com a Hollanda (21 de junho). Se o francez escarnecia de nós, o hollandez, que até então nos roubava como inimigo, ia agora expoliar-nos como bom amigo; e, em nome de uma promessa fallaz de soccorro, o rei vendia o melhor do nosso reino. Como inimigo da Hespanha, a Hollanda era nossa alliada; mas nosso inimigo, ao mesmo tempo, no Ultramar. O governo portuguez queria decerto revindicar o muito que a Hollanda pilhára durante os sessenta annos anteriores; porém a Hollanda poz como condição, *sine qua non*, a conservação do *statu quo*. D. João IV comprou o auxilio, vendendo o imperio ultramarino, sancionando os roubos de ses-

senta annos. Não era a primeira vez, nem seria a ultima, que os dynastas, substituindo-se á nação, a vendiam pura se conservarem a si.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

D. João IV ficou burlado; mas Angola e o Brazil, abandonados, vendidos, souberam defender-se a si proprios.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Não duvidára alienar o Ultramar, e subscrever a todas as exigencias humilhantes da França e da Inglaterra, para nos dar a nós a honra de o termos como rei. Arriscar tudo, incluindo a propria cabeça, (não era a joia de maior preço,) parecia-lhe excessivo. Já que o destino assim o mandava, perdesse-se o reino, mas ao menos salvasse-se o rei.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Da longa campanha diplomatica da Restauração, atravez de todos os incidentes, hollandezes e francezes, resultava este facto, que ficou pesando por dois seculos sobre o novo Portugal: o protectorado inglez. Protectorado sempre se traduziu, na lingua real da historta, por exploração: é um euphemismo diplomatico.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

N'esta guerra de *equilíbrio*, em que D. Pedro II lançára o reino; n'esta guerra, em que nenhum interesse nacional se pleiteava; vê-se bem o imperio das novas idéas, a que a monarchia obedecia já, no principio do XVIII seculo. Formára-se, como systema, o *absolutismo*; e D. Pedro II desde 1674 não convocára mais as côrtes nacionaes, instituição que outr'ora representava a nação, como um corpo, perante o rei, um chefe. Póde dizer-se que depois de 1668, quando se fez a paz com a Hespanha, as côrtes portuguezas não tiveram mais intervenção no governo. Em 1674 o rei convocou-as, mas dissolveu-as logo, por ellas quererem fiscalisar as despezas publicas. D. João V fingiu, illudiu, sem negar; mas D. José I affirmou, de um modo positivo e ter-

minante, que o poder é uma «alta e independente soberania, que o rei recebe immediatamente de Deus; pela qual manda, quer e decreta aos seus vassallos, de sciencia certa e poder absoluto».

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

O acaso, pae sem virtudes d'este filho prodigo chamado o Portugal brigantino, concedeu a um tonto o uso de armas perigosas, abriu-lhe de par em par as portas dos arsenaes; e D. João v, enfatuado, corrompeu e gastou, pervertendo-se tambem a si e delapidando toda a riqueza da nação. Tal foi o rei; e o povo, pastoreado pelos jesuitas, beato e devasso, arrearava-se agora de pompas, para assistir, como convinha, á festa solemne do desbarato dos rendimentos do Brazil.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

O inglez sentava-se com elle á meza e applaudia os desperdícios; porque todo o ouro do Brazil passava apenas por Portugal, indo fundear em Inglaterra, em pagamento da farinha e dos generos fabris, com que ella nos alimentava e nos vestia. A industria portugueza constava de operas e devoções.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Que era, de que valia o reino, perante a real casa? Quem era o miseravel povo, diante do bragança magnífico?

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Tal era o Portugal-Bragança, *restaurado*, ao que se disse. Para consolidar uma dynastia, cedeu-se o Oriente aos hollandezes; e, se não se perdeu o Brazil, foi porque elle proprio soube defender-se. Depois enfeudou-se o reino aos ingleses; e, por cima de tudo isto, accitava-se o santo e a senha dos jesuitas. Quando o Brazil começou a render, D. João v começou a reinar e a gastar. Devorou-se o que ainda restava em Portugal, devorou-se tudo o que veio da America. Portugal importava, por Lisboa, 4:000 contos de pão cada anno.

E uma série de doidos, de maus, ou de idiotas, levados pelo braço dos negociantes jesuitas e inglezes, pupillos de uns, prebostes de outros, disse-ram-se reis de um reino que era uma sombra, animada por um unico sonho vivo: o sebastianismo.

D. Maria I endoideceu de todo; e na scena portugueza levantou-se a espessa figura do príncipe regente, com o seu olhar vago, na immovel conten-ção da regia ociosidade; bocejando em permanencia, a assistir, com as mãos nos bolsos, indifferente e passivo, ao definitivo desabar ruidoso do carcomido edificio da nação.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Essa situação ruinosa, e que veiu, em menos de dous seculos, a arrui- nar de todo a nação, para conservar uma dynastia de procuradores de inte- resses estrangeiros; essa situação definiu-se, no principio do seculo actual, de um modo que forçou o monarcha a fugir, demittindo-se, e a nação a protes- tar, insurreccionando-se.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Quando o príncipe-regente se soube perdido, e ameaçado com uma via- gem de mezes, tão incommoda, até ao Brazil, mandou que o rojassem de rastos aos pés do terrivel despota, pedindo perdão, e offerecendo tudo para ganhar o seu socego. Estava pelo que quizessem; e até dava o seu primoge- nito para marido da filha do sargento Junot.

(O. MARTINS — *Historia de Portugal*).

Uma semana apenas, depois de chegar, o príncipe-regente, aconselhado pelo seu protector, abriu os portos do Brazil ao commercio de todas as na- ções amigas: euphemismo de boa economia que queria dizer,—á Inglaterra. Ainda assim não lhe bastava isto, a ella que na Europa tanto se esforçava por conservar o morgado braganção. Exigia a paga, e obteve os tratados de 1810 (19 de fevereiro). Mais uma vez a dynastia vendia o reino, como Esaú

a primogenitura ; mais uma vez, depois de tantas, o bragança, para conservar o throno, sacrificava o reino.

(O. MARTINS. — *Historia de Portugal*).

N'este derradeiro representante do sangue brigantino appareciam vivos todos os caracteres da raça. Era necessario que, ao extinguir-se, a arvore dêsse o mais bem acabado fructo. Egoista e molle como D. João IV, tinha as inclinações fradescas de D. João V, a esperteza soez e baixa de D. Pedro II, e o plebeismo de Affonso VI, sem ser inteiramente idiota, como fôra o infeliz encarcerado de Cintra.

(O. MARTINS. — *Historia de Portugal*).

Representante quasi posthumo de uma dynastia, epitaphio vivo dos braganças, sombra espessa de uma serie de reis doidos ou ineptamente maus, D. João VI, já velho, pesadão, sujo, gorduroso, feio e obeso, com o olhar morto, a face caída e tostada, o beiço pendente, curvado sobre os joelhos inchados, baloiçado como um fardo, entre as almofadas de velludo dos velhos e doirados coches de D. João V, e seguido por um magro esquadrão de cavallaria, era, para os que assim o viram, sobre as ruas mal calçadas de Lisboa, uma apparição burlesca.

E, se, porventura, as mysteriosas leis da vida têm um papel na historia, força é reconhecer que no sangue dos braganças não vingou a semente da nobre raça de Nunalvares: viu-se em todos elles a descendencia do crasso sangue alemtejano da filha do Barbadão.

(O. MARTINS. — *Historia de Portugal*).

Oh pobre Portugal, mandado por todos, ludibrio das gentes, triste nação já saqueada do que possuias no Oriente para «ganhares» a dynastia brigantina e agora ameaçado de perdeses a Africa para conservares os teus reis «liberaes» e forasteiros!

Elles que não tinham nas veias sangue portuguez, não coraram de vender a nação. . .

(O. MARTINS — *Portugal Contemporaneo*).

O Imperador, no conselho de 17 de novembro, communicou a sua resolução sobre os pareceres dos ministros, declarando que, tendo ha muito previsto o embaraço em que se achavam por falta de meios pecuniarios, de munições, a quasi impossibilidade de as receber e a difficuldade, attentas as pequenas forças e a falta de transportes, de poder tomar-se a offensiva, estava d'accordo com o ministerio em que se deviam tentar todos os meios de pôr termo á guerra civil atroz e ruinosa; e que, tendo reflectido no parecer dos ministros, decidia que o marquez de Palmella sahisse no outro dia para Inglaterra munido de plenos poderes: •

1.º Para expôr aos governos d'Inglaterra e França, juntos ou separados, que o immediato reconhecimento do governo da rainha, segundo a Carta constitucional e na fórma dos tratados d'Inglaterra, nos ajudava a triumphar;

2.º Não podendo conseguir o reconhecimento prompto, unica cousa que nos poderia salvar chegando ao Porto em 30 dias, cedendo para o obter a Bahia de Lourenço Marques ou quaesquer outras colonias asiaticas ou das africanas da costa oriental, então deveria sollicitar do governo inglez ou d'ambos para intervirem dentro do mesmo praso e imporem aos dois partidos a immediata suspensão d'armas, para que os dois governos ou as cinco grandes potencias arranjassem os negocios de Portugal.

(FELIX PEREIRA DE MAGALHÃES — *Apontamentos para a historia diplomatica em Portugal*).

Ultimatum de 11 de Janeiro de 1890.

Decretos dictatoriaes de 29 de Março de 1890.

Tratado de 20 de Agosto de 1890.

Modus vivendi de 19 de Novembro de 1890.

Se é verdade ser o povo quem faz os governos, não é menos verdade que a fraqueza dos príncipes e dos ministros, entibia as energias dos povos. Eramos a mesma gente quando, levados pela mão de Pombal, continhamos em respeito essa propria Inglaterra que, umas dezenas de annos depois, nos dava Beresford como proconsul.

(O. MARTINS).

FINIS PATRIÆ

*

É negra a terra, é negra a noite, é negro o luar.
Na escuridão, ouvi! ha sombras a fallar:

*



I

Fallam choupanas de campezes:

Pulula a infancia na pobreza!...
Campos maninhos!...
E os berços cheios... Que tristeza!
Como é que Deus seca a deveza,
Fazendo os ninhos?!

Vento, porque é que nos arrasas
N'um turbilhão?!
Na enxerga fria tremem azas,
No lar extinto faltam brasas,
Nas arcas negras não ha pão!

O gado é morto, a seara é morta,
Morta a alegria.
O sol requeima, a geada corta...
Anda um fantasma á nossa porta
De noite e dia...

Cadela tísica, sem dentes,
Vesgo animal,
A Fome d'olhos relusentes
Uiva, chorando como os doentes
N'um hospital...

Dobram os sinos, dobram os sinos...
Luto agoireiro!...
Enterram velhos e meninos...
Dobram os sinos, dobram os sinos...
Canta o coveiro!

Canta o coveiro e canta o cura...
Canto funereo!
Pobres! dormi na sepultura,
Que a vossa cama é menos dura
No cemiterio!

Dormi, dormi!... somno d'arminho,
Reparador!
O catre é bom: taboas de pinho...
Não precisaes lençoes de linho,
Nem cobertor!...

Dormi, ó mortos de cansaço,
Dormi, dormi na cama nova!
Os astros choram pelo espaço...
Bem dita a enchada, mais o braço
Que ao cavador abriu a cova!

Olhae, olhae, vão em manadas
Os emigrantes...
Uivos de dó pelas estradas,
Junto dos caes, nas amuradas
Das naus distantes...

Velhinhas, noivas e creanças,
Senhor! Senhor!
Ao voar das ultimas esp'ranças
Crispam as mãos, mordendo as tranças,
Loucas de dôr!

Lá vão levados, vão levados,
Pelo alto mar...
Adeus, ó noites nos eirados...
Adeus, ó beijos perfumados,
Beijos d'Agosto á luz do luar!...

Adeus, divinos horisontes,
Inda a cantar nos olhos seus!
Adeus, manhãs doirando os montes!
Herva do campo, agua das fontes,
P'ra sempre... adeus!

Lá vão levados, mar sem fundo,
Longe das noivas e dos paes!...
Terras, Jesus! nos fins do mundo...
Voltarão?... Quando, mar profundo?
Jamais! Jamais!

Morreu a vinha, não dá uvas...
É morto o velho camponez...
Pedras levadas pelas chuvas...
Tecto a cahir... Orfãs e viugas,
Luto e nudez!



II

Fallam possilgas de operarios :

Creanças rotas, sem abrigo . . .
A enxerga é podre e a roupa é leve . . .
Quarto sem luz, meza sem trigo . . .
Quem é que bate ao meu postigo ?
— A neve !

A usura rouba a luz e o ar
E o negro pão que a gente come . . .
Inverno vil . . . Parou o tear . . .
Quem vem sentar-se no meu lar ?
— A Fome !

Lume apagado e o berço em pranto
Na terra humida, Senhor!
A mãe sem leite... o pae a um canto...
Quem vem além, torva de espanto?
— A Dor!

Alcool! Veneno que conforta,
Monstro satânico e sublime!...
Beber! beber... e a magoa é morta!...
Quem é que espreita á nossa porta?
— O Crime!

Doze annos já, e seminua!
A mãe, que é d'ella?... o pae no officio...
Corpo em botão d'aurora e lua!...
Quem canta além n'aquella rua?
— O Vicio!

A fome e o frio, a dôr e a usura,
O vicio e o crime... ignobil sorte!
Oh vida negra! Oh vida dura!...
Deus! quem consola a Desventura?
— A Morte!



III

Fallam casebres de pescadores:

Mar pavoroso, mar tenebroso,
Profundo mar!
Furias eternas, furias eternas...
Nas ondas negras ha cavernas
Com monstros verdes a ulular...

Mar soluçante, mar trovejante,
Nocturno mar!
Ventos e frios, ventos e frios...
Nas ondas torvas ha navios
Com marinheiros a cantar...

Mar de tormenta, mar que rebenta,
Convulso mar!
Noites inteiras, noites inteiras
Nas praias tristes ha lareiras
Com mães e noivas a resar...

Mar vagabundo, mar furibundo,
Soturno mar!
Ais e tumultos, ais e tumultos...
Nas ondas roucas andam vultos
De marinheiros a boiar...

Mar infinito, mar infinito,
Maldito mar!
Noite e procelas, noite e procelas...
Entre lençoes, restos de velas,
Ha orfãosinhos a chorar!...



IV

Fallam os hospitaes:

Tossi, tossi, pulmões desfeitos,
Em vielas lobregas sem ar!
Nos dormitorios faltam leitos...
Tossi, pulmões, nos magros peitos,
Tossi, que a Morte quer jantar!

Morrei de fome, no abandono,
Mendigos tropegos, senis...
E invejae, não o rei no throno,
Mas os cães grandes que tem dono
E as feras más que tem covis!...

Loucos, d'olhar torvo d'assombros,
Brandindo em furias, um bordão,
Farrapos tragicos nos hombros,
Por pinheiraes, por entre escombros,
Uivae, uivae na escuridão! . . .

Lepras e cancos dissolventes,
Apodrecei nos tremedaes. . .
Apodrecei, rangendo os dentes,
Medonhos monstros pestilentes,
Latrinas d'almas imortaes!

E que essas almas, negra herança!
Se reproduzam com ardor
Em milhões d'almas de creança,
Rios de morte e de vingança,
Torrentes funebres de dôr!

Rios de sangue miserando,
Maldito sangue de Caim,
Eternamente blasfemando,
E ao mar da vida derivando
Sempre! sem fim! sem fim! sem fim! . . .



V

Fallam as escolas em ruínas :

A alma da infancia é um passarinho ;
Gorgeia o ninho e a escola chora :
Na infancia cae a noite ; e o ninho
Tem sobre as plumulas d'arminho
A aurora.

A alma da infancia é flor mimosa ;
A escola é triste e a flor vermelha :
Na escola paira a c'ruja odiosa,
E sobre o calice da rosa
A abelha.

Tu fazes, Pátria, as almas cegas,
Prendendo a infancia n'um covil.
Aves não cantam nas adegas ;
Se a infancia é flor, porque lhe negas
Abril ?!



VI

Fallam as cadeias:

Somos a estufa tenebrosa
Onde esbraceja, nocturnal,
A verde, a negra, a sanguinosa
Flora epiletica do Mal. . .

Vegetações, como serpentes,
Estorcem no ar os galhos nus,
Florindo em ulceras ardentes,
Em cancos ruins a esvurmar pus!

E sobre os calices funestos,
Vampirizando um rico extracto,
Zumbem cantaridas d'incestos,
Larvas de estupro e assassinato!

E a flora tragica pulula
Na surda-muda escuridão,
Fartando a infamia da sua gula
No horror da nossa podridão.

Somos o exgoto onde se encana
Para o inferno tumular
Toda a estrumeira da alma humana,
Lixo de Deus a fermentar.

Aqui se ajunta e se comprime
Lodo que dá, bem distilado,
Hiper-vitriolo de crime
Raivosamente sublimado.

Piedade é flôr que aqui não medra ;
Não acha abrigo a que se acoite.
Transpira odio a nossa pedra,
Goteja sangue a nossa noite.

E é noite aqui a toda a hora,
Noite que apaga toda a luz,
Quer venha a rir do olhar da aurora,
Quer a chorar do de Jesus!

N'estes covis onde ella escarra,
A Lei, violando a natureza,
Da unha adunca extrahe a garra,
Da mão sinistra faz a preza.

O diabo aqui n'esta gehena
Se ocupa, rindo, a transformar
Um cão vadio n'uma hiena
E um gato bravo n'um jaguar.

Aperfeiçoa o monstro humano,
Retrocedendo-o ao seu covil :
Faz do bimana o quadrumano,
E do quadrupede o reptil.

E enfim, depois de o ter a rastros,
Para girar o ciclo todo,
Do verme, que olha ainda os astros,
Faz a abjecção suprema:— Lodo!



VII

Fallam condemnados:

Faminto, nú, sem mãe, sem leito,
Roubei um pão.
Quem vai além de farda e de gran-cruz ao peito?
— Um ladrão!

Todos os crimes da Desgraça
Em mim reuno.
Quem vai além tirado a parelhas de raça?
— Um gatuno!

Pela miseria crapulosa,
Eu fui trahido.
Que esplendido palacio em festa! Quem o goza?
— Um bandido!

Viola, seduz, furta, assassina,
Milhão! És rei!
Que prostituta está cantando áquella esquina?
— A Lei.



VIII

Fallam as fortalezas desmanteladas:

Eram de rocha viva as ameias crestadas,
Para gigantes e condores!
Hoje das pedras mutiladas
Fazem cascalho nas estradas
Os britadores.

Varreu-nos a metralha os baluartes escuros,
Tombando fria a nossos pés!
Eil-o o Bretão d'olhos perjuros:
Como é que arrasa os nossos muros?
A pontapés.

Eram de bronze eterno, eram d' aço impoluto
Almas d' heroes, linguas d' espadas!
Eil-o o inimigo fero e bruto:
Como é que escala o meu reduto?
 Ás gargalhadas.

Cantaram sobre nós, montante adaga e lança
 Trinta epopeias!
Eil-o o inimigo, eil-o que avança:
Vai metralhar-nos, que nos lança?
 Merda ás mãos cheias!



IX

Fallam os monumentos arrasados:

Claustros, abobadas, arcadas,
Muros batidos do tufão,
Campas partidas e violadas,
Craneos de reis, poeiras d'ossadas,
Tudo no chão!

No chão rosaceas e cruzeiros,
Grimpas, zimborios, campanis . . .
Em tumbas negras de mosteiros,
Onde dormiram cavaleiros,
Santas e heroes, dormem reptis!

*

Montões de estatuas em pedaços,
Torres, castellos, cathedraes,
Templos sem Deus, cruzes sem braços,
São estreitados por abraços
De matagaes!

A alma das pedras sacrosantas,
Chorando á noite, faz horror! . . .
Quem é que escuta as vozes santas?
Os homens não . . . talvez as plantas
Sintam melhor aquella dôr! . . .

Talvez os ninhos e as verduras,
Talvez as aguas mais os ventos
Ouçam melhor que as creaturas
As vozes tragicas, escuras,
Dos monumentos! . . .

Torres outr'ora olhando os astros,
Flechas sem fim, oh, raiva, oh, dô!
Marmores, bronzes, alabastros,
Grandeza e gloria . . . tudo a rastros,
Tudo aos bocados, tudo em pó!

E ó Deus, ó Deus, de tanta ruina,
De tanta dôr calcada aos pés,
N'uma entrudada libertina,
Faz seus palacios a Rapina,
Faz o Impudor os seus chalets!



X

Fallam estatuas d'heroes:

Oh raça triste, oh raça espuria
De miseraveis sem valor!
Sob o azorrague e sob a injuria,
É de comedia a vossa furia,
É de entremez a vossa dôr!

Vergonha ignobil! O que importa
Contra um Leopardo a indignação,
Se consentis que á vossa porta
A Liberdade seja morta,
Estrangulada por um cão?!

Que admira enfim que uma pantera
De garras d' aço e olhar sombrio
Coma, n'um bom jantar de fêra,
Um povo podre, que tolera
Os dentes maus d'um cão vadio?!

Pois esse povo agonisante,
Quando revive para a historia,
E vae, frenetico e radiante,
Saudar a estatua do gigante
Cantor da sua eterna gloria,

Deita a fugir, (como é ficticia
Vossa bravura, homens venaes!)
Vendo um corcunda, que imundicia!
E um rei d'espadas (de policia)
Com quatro esbirros, nada mais! . . .

E ousaes fallar, bocas impuras,
Em gloria, em honra, em patria, em Deus!
E ousaes erguer das sepulturas
Nossas herculeas armaduras,
Chatins! chatins! pigmeus! pigmeus!

Deixae dormir nossas espadas
Na eterna e tragica viuvez!
Pois são de ferro e são pesadas
Em mãos de escravos, costumadas
— Metal mais nobre! — ao oiro inglez! . . .

Onde a grandeza, onde a pujança
Do Lusitano, ao medo alheio?
Que resta emfim da nossa herança?
Porcos da vara de Bragança,
Grunhi nos tumulos! . . . dizei-o!

Dizei, poltrões, dizei cevados,
Que resta emfim da nossa gloria?
Que é da altivez? — Jogou-se aos dados . . .
Que é do estandarte? — Eil-o em bocados . . .
Que é da nação? — Morreu na historia!

Do immenso imperio extraordinario
Só aos ladrões ficou defezo
O espaço triste e necessario,
Onde o Bretão erga um Calvario
E cuspa, rindo, o seu desprezo!

E o povo? Inerte. E o rei? Á caça.
Quem é que impera? O Deus Milhão...
Ah! Como é bom em tumba escassa,
Longe do sol que vê tal raça,
Dormir, dormir na escuridão!...

Mas nem no tumulto captivos,
Dormimos bem!... Repouso atroz!...
Porque, ante os lances afflictivos,
Nós afinal somos os vivos,
E os mortos putridos sois vós!

Sois vós os mortos ambulantes,
Tristes automatos de pé,
Articulando por instantes,
Ocas palavras vacilantes,
Gritos sem dôr, juras sem fé!

Lobos, abutres, corvos, hyenas,
Panteras, lynces e chacaes,
Monstros vorazes de gangrenas,
Luculos impios das obscenas
Larvadas carnes sepulchraes;

Vinde em tropel, em chusma, em bando,
Vinde ás centenas e aos milhões,
Para o banquete miserando
D'um povo morto, fermentando
N'uma estrumeira d'abjecções !

Monturo d'almas ! ... Excrementos
De tal baixeza e vilania,
Que nos exgotos mais nojentos
Fariam volvos truculentos,
Ancias de peste e d'agonia !

Não ha latrina que suporte
Tão baixo e cinico jantar !
Seu cheiro putrido é tão forte,
Que a campa, estomago da Morte,
Era capaz de o vomitar !

Vêde lá, pois, corvos funereos,
Que orgia opipara de rei !
Guelas sinistras de Tiberios,
Roucos glutões de cemiterios,
Comei ! comei ! comei ! comei !

O garfo e a faca, o dente e a preza,
Cravae, cravae n'esse festim!
Comei, limpae de todo a meza!
Que nem suspeita d'impureza
D'essas carcassas reste emfim!

E em vez da raça digerida
Por ventres podres d'orubus,
Que dê a terra herva homicida,
Com mais nobreza para a vida,
Com mais direito ao ar e á luz!

E, por padrões assignalados
De tantas glorias imortaes,
Basta que o ferro dos arados
Encontre um dia entre os silvados
Blocos dos nossos pedestaes!



XI

Uma voz na terra:

Já Deus, coveiro de colossos
Oh Portugal, oh maldição!
Dia e noite martella a tumba onde os teus ossos
Na cripta do silencio eterno dormirão!

Com furia doida, ó vento, escarvas
Na poeira triste... Em vão, em vão!
Tudo é morto! Na terra ha unicamente larvas,
E a luz que fosforeja ainda é podridão!

Mas que castello sobranceiro
Ao mar profundo erguendo estão?...
É reducto d'heroes, que em transe derradeiro,
Querem bater-se, como as feras bravas?

O castello:

— Não!

Uma voz na treva:

Mas que trombeta, ó noite funda,
Clangora rouca ao seu portão?
É a alma da Patria a bradar moribunda,
N'um arquejo de dôr e de vingança?

O castello:

—Não!

Uma voz na treva:

Mas que clamor de gargalhadas
Rasga, vermelho, a escuridão?
Lá dentro estão matando acaso a punhaladas
Algum pirata vil, filho de Judas?

O castello:

— Não!

Uma voz na treva:

Quem és pois, quem és pois, sinistra fortaleza,
Que te ergues a cantar n'esta desolação?

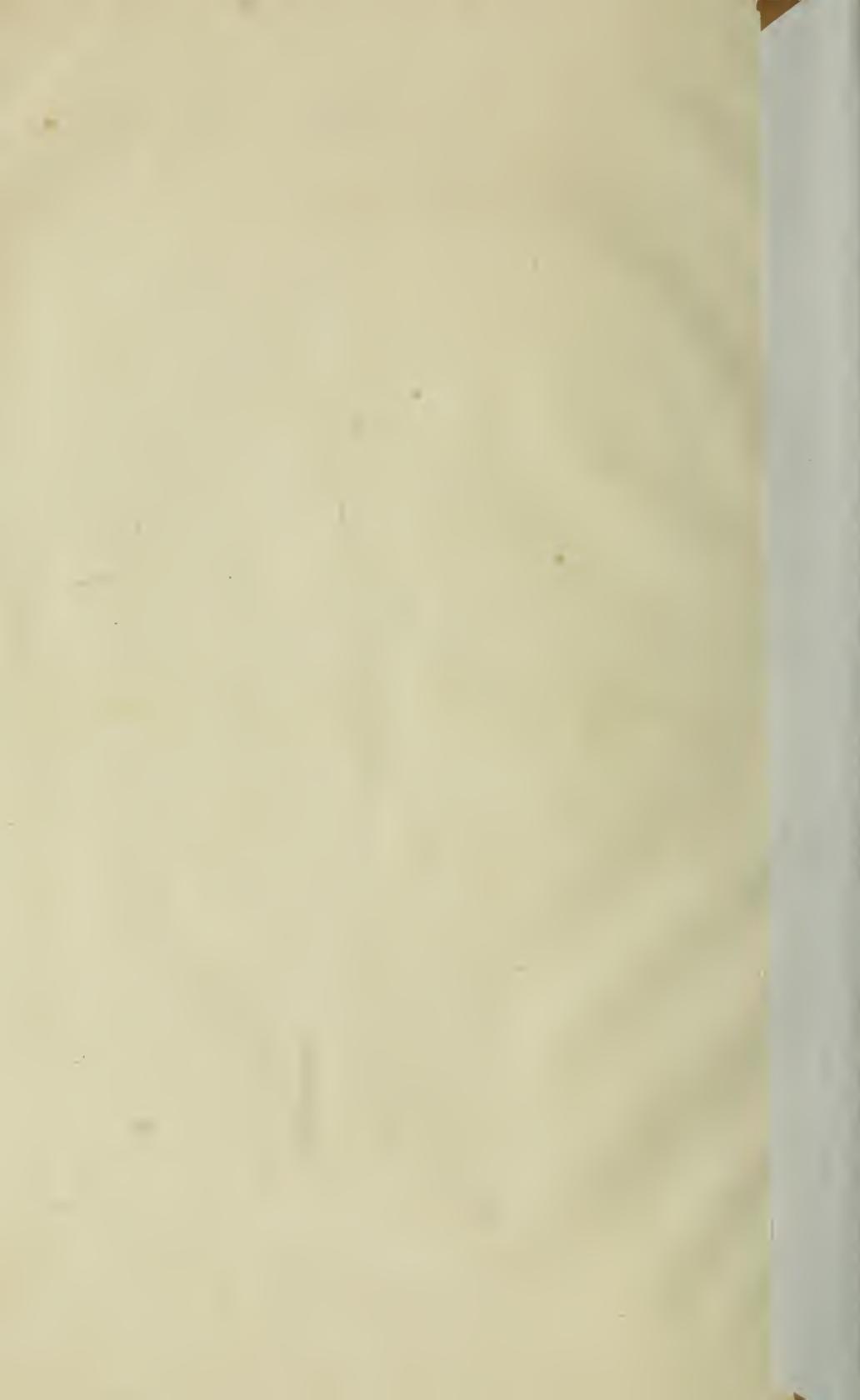
O castello:

Noite! deixa cantar quem 'stá bebendo á meza...
Silencio! Viva el-rei!... Sou a torre do Outão!

*

Calou-se tudo. A terra torva . . . O ceo vulcanico . . .
E a alma, palida, á luz verde-negra do luar,
Presente na mudez, cavernosa de panico,
Que a boca dos trovões profundos vai fallar! . . .

*



PQ
9261
G8F5
1891

Guerra Junqueiro, Abilio
Manuel
Finis patriae

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 11 01 009 4